

Especialização em Políticas Públicas e Socioeducação

Eixo 3 - Módulo 6 - Pedagogia Socioeducativa

Parte V

Regina Lucia Sucupira Pedroza

AULA 1 - Conceito de Desenvolvimento e Aprendizagem para uma Atuação Socioeducativa

Prezado(a) Estudante,

Bem-vindo(a) ao tópico que aborda o sujeito da socioeducação, sua caracterização psicossocial contemporânea e os contextos de aprendizagem e desenvolvimento. É com muito prazer que iniciamos este novo eixo depois de tanta coisa que foi vista ao longo dos demais eixos sobre a socioeducação, nas questões de Gestão de políticas públicas e Justiça e direitos humanos.

Neste terceiro eixo sobre O processo e o atendimento socioeducativo, vamos trabalhar com a questão da Pedagogia socioeducativa para depois, no Eixo 4, vocês darem continuidade ao curso com as Metodologias de pesquisa e intervenção.

Para iniciar, vamos conversar sobre o sujeito da socioeducação, começando com algumas reflexões sobre quem é este sujeito ao qual estamos nos referindo. Como foi visto anteriormente, este sujeito que é atendido na socioeducação é um(a) adolescente, com base nos marcos legais da política socioeducativa que incide sobre pessoas com idade entre 12 e 18 anos, reconhecidos como adolescentes, quando autores de infrações à legislação penal.

Para a formação de profissionais do sistema socioeducativo, é necessário pensarmos sobre este momento do desenvolvimento, no ciclo da vida, na contemporaneidade e qual a relação com a aprendizagem para podermos dar início às questões pedagógicas.

Partimos da definição psicológica baseada na teoria histórico cultural, no que se refere à relação do desenvolvimento e aprendizagem que postula a interdependência desses dois conceitos. O principal representante dessa teoria foi o russo Lev Vigotski que buscou estudar o homem e seu mundo psíquico como uma construção histórica e social da humanidade (BOCK, FURTADO & TEIXEIRA, 1999).

Para esse autor, o mundo psíquico que temos hoje não foi nem será sempre assim, pois sua caracterização está diretamente ligada ao mundo material e às formas de vida que homens e mulheres vão construindo no decorrer da história da humanidade. Essa é uma possibilidade de se conceber o humano, o mundo e as relações sociais. Não é a única, mas nesta aula partiremos dela para entendermos a relação desenvolvimento e aprendizagem para uma atuação socioeducativa. Essa abordagem na psicologia permite uma superação de grandes polêmicas da psicologia, principalmente as que polarizam a constituição do indivíduo como ser biológico ou social. O que estamos defendendo aqui é uma maneira de entendermos o mundo vendo-o como sendo e não sendo ao mesmo tempo, a partir da dialética que permite a construção de um conhecimento que dê conta da realidade em toda a sua complexidade, com seus elementos contraditórios e em suas permanentes transformações.

Acreditamos que essa postura frente ao mundo, nos permite o desenvolvimento de um trabalho socioeducativo que acolhe a complexidade dessa situação em que se encontram os adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas.

Sendo assim, o mundo é visto sempre em movimento e em constante mudança. O que também é válido para entendermos o humano que é visto como um ser ao mesmo tempo biológico e social; um ser ao mesmo tempo individual e cultural; um ser ao mesmo tempo racional e emocional. Portanto, com essa visão, o(a) adolescente como todos os humanos devem ser entendidos(as) em suas condições concretas, que são, ao mesmo tempo, subjetivas e objetivas.

Ao separarmos o ser humano, muitas vezes chegamos a interpretações biológicas de fenômenos sociais, sem levar em consideração que esses fenômenos têm uma história antiga que precisam ser vistos no seu caráter social e político. O organismo humano nasce, forma-se e desenvolve-se segundo leis biológicas socialmente modificadas. Portanto os(as) adolescentes, como todos os seres humanos devem ser estudados de forma mais abrangente tendo-se em vista todos os campos do conhecimento, por exemplo: a história, a antropologia, a economia etc.

Devemos, então, ficar atentos aos diferentes saberes para poder entender nossos(as) adolescentes que como toda realidade está em movimento e em transformação. E sempre novas perguntas surgirão a cada dia, colocando novos desafios para sua compreensão. E como diz o ditado: “mente é como paraquedas: melhor aberta”.

Nesta aula, levaremos em consideração principalmente as contribuições teóricas de Vigotski e de Wallon, outro psicólogo do desenvolvimento que compartilha essas ideias, assim como a psicanálise de Freud, sobretudo as relacionadas à teoria da sexualidade infantil. Essas teorias permitem conexão com outras disciplinas, em um contexto de interdisciplinaridade. São teorias que permitem que o ser humano moderno possa compreender a si mesmo, a partir da imagem de sua própria infância, pois suas

concepções teóricas levam ao conhecimento da criança, adolescente e adulto em relações.

Antes de prosseguir, pense um pouco sobre a relação entre desenvolvimento e aprendizagem. Como você acha que eles se relacionam ou não se relacionam? Depois de refletir, faça suas anotações para comparar com o que iremos ver em seguida.

Vamos dar um exemplo: ao desenvolver um trabalho com 84 alunos de diferentes cursos de licenciatura, perguntei como eles viam a relação entre desenvolvimento e aprendizagem. Obtive muitas respostas diferentes e interessantes.

Compare as respostas deles com o que você pensou e depois veremos o que alguns teóricos da psicologia dizem.

Para a maioria dos estudantes, a relação entre desenvolvimento e aprendizagem é de dependência, os dois caminham juntos; é uma relação de reciprocidade; a pessoa só se desenvolve quando aprende. Alguns defendem que o desenvolvimento ocorre primeiro, sendo condição necessária para que haja aprendizado. Ou seja, primeiro a pessoa se desenvolve para depois aprender. Outros opinaram dizendo que quando aprendemos, depois desenvolvemos, dependendo do ambiente em que estamos.

Na psicologia, vamos encontrar também diferentes concepções sobre essa relação. Podemos apontar três grandes grupos de posições teóricas:

A primeira postula que os processos de desenvolvimento da criança são independentes do aprendizado. Isto porque o aprendizado é visto como um processo externo que segue o caminho do desenvolvimento, ou seja, o aprendizado se vale dos avanços do desenvolvimento sem fornecer um impulso para modificá-lo. Só pode haver aprendizado quando o desenvolvimento chega ao ponto mínimo, o qual torna possível o aprendizado, isto é, o desenvolvimento precede o aprendizado. Em outras palavras, para aprender alguma coisa, a pessoa tem de ter desenvolvido algumas condições anteriormente.

A segunda posição parte do princípio de que aprendizado é desenvolvimento. O processo de aprendizado é reduzido à formação de hábitos, identificando-o com o do desenvolvimento. O princípio fundamental é a simultaneidade entre os dois processos, ou seja, desenvolver é aprender novos comportamentos, isto é, aprender é aumentar o repertório comportamental.

A terceira concepção teórica é a que tenta superar os extremos das outras duas a partir da combinação dos seus pontos de vista. Embora os dois processos sejam vistos como relacionados, eles são diferentes e cada um influencia o outro. Podemos representar essa concepção dizendo que o desenvolvimento é sempre um conjunto maior que o aprendizado, não havendo, portanto, coincidência entre os dois conceitos.

Vigotski (1998) rejeita essas três concepções teóricas e propõe outra possibilidade para essa relação. Para ele, aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o nascimento da criança, portanto, muito antes de ela frequentar a escola. O aprendizado escolar, no entanto, produz algo fundamentalmente novo no desenvolvimento da criança, mas ela aprende muito, mesmo antes de entrar na escola, não é mesmo?

Para Vigotski, o desenvolvimento não pode ser visto apenas como aquilo que observamos. Ele deve ser visto em dois níveis diferentes. O primeiro como sendo o Nível de Desenvolvimento Real, ou seja, o que a pessoa apresenta como sendo capaz de realizar sozinha. E o segundo, o Nível de Desenvolvimento Potencial, que é determinado pela realização de qualquer tarefa com a ajuda de outra pessoa, que pode ser um adulto, outra criança ou na brincadeira.

O que separa os dois Níveis, a distância entre eles, foi dito por Vigotski como sendo a Zona de Desenvolvimento Proximal. Isso é muito importante, pois ele dizia que é pensando essa Zona que devemos ensinar as coisas aos outros, principalmente às crianças.

Na prática, podemos pensar sobre isso neste exemplo a seguir:

Se eu perguntar a você o seguinte: uma criança de oito meses já anda? Provavelmente você me dirá que não (a não ser que essa criança seja muito diferente das outras!). Mas se eu agora perguntar: se alguém pegar nas mãos dessa mesma criança de oito meses, ela consegue andar? Talvez você me responda que sim. E aí, eu insisto na minha pergunta: a criança de oito meses anda ou não anda?

Provavelmente vou criar uma situação difícil para você. Pois é isso mesmo. A nossa criança de oito meses pode ainda não andar sozinha, mas com ajuda, ela anda. E mais ainda, ela já pode ficar em pé sozinha ou com apoio. Ficar em pé com apoio é, neste caso, o Nível de Desenvolvimento Real. Mas ela tem o potencial para andar com ajuda. Então, andar com ajuda é o nível de Desenvolvimento Proximal. Isso acontece também com os jovens e os adultos, pois estamos sempre em desenvolvimento porque aprendemos constantemente.

O que estamos propondo, então, é que vejamos o desenvolvimento segundo Vigotski, como um potencial e que a ajuda do outro leva ao desenvolvimento da pessoa. Ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que operam quando a pessoa interage com outras pessoas do seu ambiente e com a ajuda de seus companheiros. Nessa abordagem teórica, aprendizado não é desenvolvimento. O desenvolvimento vem de forma mais lenta, após o aprendizado. Podemos dizer, então, que é o aprendizado que puxa o desenvolvimento. Portanto, devemos proporcionar ao(a) adolescente, sempre, várias situações de aprendizado para que ele(a) tenha um desenvolvimento pleno.

Você pode pensar em outros exemplos que ilustrem os dois níveis de desenvolvimento? O que você achou dessas posições teóricas? Qual a sua resposta para essa relação? Pense nisso e anote suas respostas.

Nesta aula e nas demais, consideramos que a visão de Vigotski explicita de forma mais completa e complexa os processos de desenvolvimento e de aprendizagem, de constituição do sujeito e da construção do conhecimento na socioeducação.

Sua grande contribuição é mostrar que aprendemos e nos desenvolvemos sempre em relação com as pessoas em nossa volta. Daí a importância do outro interagir com os(as)

adolescentes, ou seja, para ensinar alguma coisa é preciso estar junto com o outro, ajudando-o.

O educador deve atuar na Zona Proximal de Desenvolvimento, ou seja, a educação tem de partir daquilo que o(a) adolescente já atingiu (o Desenvolvimento Real) buscando concretizar aquilo que ele(a) apresenta como potencial (o Desenvolvimento Potencial). Muitas vezes, não levamos em consideração o que o outro já sabe ou o potencial para aprender e o que acabamos por fazer é ensinar aquilo que o outro já sabe ou ainda está longe de poder aprender.

Também defendemos nesta aula a visão do desenvolvimento como um processo descontínuo, desordenado e que acontece em saltos. Isso significa que o sujeito não está programado desde sua concepção para ser de uma determinada maneira ou de outra. Mas é importante salientar que estamos apresentando uma maneira de ver o desenvolvimento e que não significa que seja a única, a verdadeira, nem a melhor!

Além disso, temos que levar em consideração as diferenças de cada um e entender que o(a) adolescente, mesmo em medida socioeducativa, deve ser visto(a) como sujeito de direitos e desejos na sua complexidade. Assim, ele(a) deve ser acolhido(a) afetuosamente, respeitando-se sua maneira de ser e suas relações. Além das diferenças de cada um, é preciso entender que o que consideramos hoje como infância, adolescência, adulto e velhice são “invenções” socioculturais relativamente recentes.

Devemos possibilitar uma variedade de situações de aprendizado, prazerosas, até mesmo lúdicas que permitam a construção da subjetividade de cada um sempre respeitando o modo de ser de cada um. É compartilhando experiências e ideias que estaremos propondo novidades que possam contribuir para o relacionamento com os(as) adolescentes como cidadãos e o relacionamento com os demais profissionais da sociedade como parceiros na tarefa de educar para o crescimento. Educar para aumentar os recursos de personalidade, como a criatividade, a autonomia e a capacidade crítica de tomada de decisões. Educação para o crescimento sem antecipação de outras etapas, sem abreviar a adolescência e sem privilegiar o desenvolvimento cognitivo em detrimento do afetivo.

A psicologia do desenvolvimento, influenciada por outras áreas do conhecimento, adota a noção de estágio ou de etapa ao longo da vida do sujeito. A utilização dessa noção evidencia as mudanças, as transformações e o desenvolvimento e é ligada à ideia do “devir”, ou seja, ao que vai vir a ser. No entanto, isso não pode significar que o(a) adolescente não seja visto(a) no que ele(a) é no momento atual.

É fácil constatar que cada pessoa nasce, desenvolve e depois morre. No entanto, é bom sempre lembrar que o ciclo de vida humano não se dá numa mesma forma linear e contínua.

A divisão em etapas ou estágios diferentes (infância, adolescência, adulto e velhice) está ligada às necessidades educativas daquilo que devemos aprender para melhor nos adaptarmos à vida. Porém, essas divisões não são estáticas. Elas variam de acordo com as condições socioeconômicas e culturais de cada sociedade. Isto quer dizer que o que reconhecemos e definimos nessas fases não foi sempre assim ao longo da história da

humanidade. Isso também vale para pensarmos que as relações interpessoais também mudam, assim como a educação e as atividades prazerosas que dão sentido à motivação para a realização do que é nos ensinado.

Sendo assim, esperamos que o que estamos dizendo aqui, possa, entre outras coisas, possibilitar um conhecimento sobre como se dá o processo de desenvolvimento humano para que você possa se relacionar com os(as) adolescentes, suas famílias e os demais educadores da socioeducação.

Além de Vigotski, outro teórico da psicologia do desenvolvimento, Wallon, apresenta uma visão do desenvolvimento que é muito importante para a compreensão do ser humano porque ele nos proporciona uma visão também completa, abrangendo os aspectos cognitivos, afetivos e sócio-históricos da constituição da pessoa, partindo da ideia que o desenvolvimento não é contínuo.

Segundo Wallon (1975), precisamos pensar no(a) adolescente na unidade com a criança que foi e o(a) adulto(a) que será. O desenvolvimento do(a) adolescente se dá em direção à vida adulta. E no adulto está a criança e o(a) adolescente que ele(a) foi. Assim, é importante ver a pessoa em uma perspectiva que contemple o passado, o presente e o futuro.

O que somos é uma unidade do que fomos que se atualiza a cada momento, delineando o que vamos ser. É quase dizer que o futuro é hoje, pois ele está sempre sendo e deixando de ser. Pode parecer até jogo de palavras, mas é uma forma de ver o desenvolvimento que ajuda a pensar que as coisas estão sempre em movimento e em mudança. Essa forma de pensar é o que permite pensarmos em uma educação para a mudança. Nada mais importante para o contexto da socioeducação, não acha?

O que dificulta a pensarmos assim é que nos acostumamos a pensar as coisas como se elas fossem assim desde sempre, pré-determinadas, como se não mudassem. Daí o ditado: "Pau que nasce torto, morre torto". Se aceitarmos esse dito, não deveríamos nem falar em educação, pois não adiantaria nada educar alguém que já está programado. Não é mesmo? Acreditamos na possibilidade da mudança mesmo que ela seja muito difícil de conquistar.

Voltando ao que Wallon dizia sobre o desenvolvimento como um processo de mudanças dinâmicas, sempre em movimento, com mudanças não só quantitativas, mas qualitativas, passamos a ver, de modo geral, como o(a) adolescente se caracteriza como etapa do desenvolvimento, com suas especificidades.

Como já foi trabalhado no Eixo II, particularmente no item que discutiu a História Social da infância, durante séculos, as crianças foram consideradas como adultos em miniaturas. Na idade média, a partir dos sete anos as crianças começavam a aprender um ofício sob a tutela de um adulto, passando a ter responsabilidades próximas às do adulto. Além das responsabilidades, elas participavam de todas as atividades do adulto como trabalho, lazer, festas etc. (ARIÈS, 1973).

Tempos depois, movimentos culturais e religiosos deram lugar ao desenvolvimento da infância como uma etapa diferente da idade adulta e o tratamento tornou-se

diferenciado. Isso significou que a criança deixou de ser vista como um adulto incompleto guardando em si tudo aquilo que ela seria na fase adulta. A criança deixa de ser vista como um adulto em miniatura.

A partir do século XIX começa a luta pela liberação das crianças da realização de trabalhos pesados. Existem descrições dramáticas das condições de vida das crianças inglesas, nos anos de 1800, que tinham jornadas de trabalho de doze horas, realizando duros trabalhos em fábricas e minas (COLE & COLE, 2003).

E por aqui no Brasil, século XXI, como estão nossas crianças? Será que elas estão liberadas dos trabalhos pesados? Você conhece alguma criança que tenha que trabalhar e não possa ir à escola ou brincar?

Em relação ao conceito de adolescência apesar das inúmeras tentativas de naturalização e universalização, este só aparece nos estudos de psicologia do desenvolvimento no século XX quando a criança não passa a ser um adulto de forma direta. A passagem à condição de adulto vai acontecendo progressivamente e o nascimento da adolescência surge como uma época diferenciada tanto da infância como da idade adulta.

Até o século XIX, a infância era a única etapa da vida que se diferenciava da fase adulta, sendo exigido do indivíduo, tão logo deixasse de ser criança – ou até mesmo antes disso –, posturas e responsabilidades atribuídas a um adulto daquela comunidade (ARIÈS, 1973). É com a Revolução Industrial e a necessidade crescente de especialização de mão de obra que começa a aparecer o que atualmente se nomeia como adolescência. Esse processo se inicia quando o domínio das máquinas e do modo de produção exige trabalhadores cada vez mais qualificados, cuja preparação deverá vir de um período de formação que precede a iniciação no trabalho (SANTOS, 2008).

Surge assim uma etapa intermediária entre a infância e a fase adulta, tratada como um período de preparação para o trabalho, em que o sujeito é visto como uma possibilidade de vir a ser capaz, e por isso mesmo é alvo de investimentos. Em suma, a adolescência seria então um fenômeno típico do século XX, facilitado pelo prolongamento da vida humana e pela necessidade de uma formação cada vez mais longa para o trabalho (PALÁCIOS, 1990).

Paralela a essa esperança depositada pela sociedade no sujeito cujas características permitem categorizá-lo como adolescente, surge a visão desse mesmo indivíduo como um perigo em potencial, principalmente se fizesse parte de uma classe social desfavorecida. O adolescente passa a ser, portanto, alvo também de um intenso processo de disciplinarização, a fim de evitar que algo fuja do socialmente desejável.

É sob esse prisma que podemos compreender a institucionalização e obrigatoriedade do sistema de ensino, que surge como principal instrumento de controle social, entendido como uma forma de domínio sobre o adolescente. É interessante notar aqui a visão de que o adolescente é, sobretudo, um potencial a ser desenvolvido, a ser moldado. Seja para o bem – produtividade econômica – ou para o mal – delinquência –, a adolescência passa a ser vista como um período de preparação, de transição, em que estarão sendo criadas as bases para o futuro adulto. Dentro dessa perspectiva, a comunidade adulta responsabiliza-se, portanto, por esse indivíduo, impedindo que interesses escusos atuem

sobre ele, e assegurando que sejam cumpridos os objetivos supostamente legítimos da sociedade adulta, religiosa e trabalhadora.

A partir dessa breve retomada histórica do conceito adolescência, podemos perceber que esta tem sido encarada como uma fase delicada e frágil, em que o(a) adolescente deve ser controlado(a) e vigiado(a) pela sociedade, a fim de que não se desvie – tendência que frequentemente lhe é imputada como naturalmente própria. Se tudo der certo nesse trajeto, esse(a) adolescente haverá de se tornar um(a) adulto(a) produtivo(a), obediente e disciplinado(a).

A despeito dessa visão engessada, autores de diferentes áreas têm concordado que a adolescência, como todas as outras fases da vida, não pode ser vista como possuidora de características inerentes, mas sim como um constructo negociado historicamente entre os atores de uma realidade social. Assim, diferenças entre classes sociais, culturas e gênero, entre outras, devem ser consideradas quando falamos em adolescência. Nesse sentido, esta é mais do que uma classificação etária, pois caracteriza uma experiência psicossocial diferenciada constituída no contato entre os jovens e a interação com a cultura que os cerca (SOUZA, 2007).

A puberdade, estritamente biológica, é tida muitas vezes como o fator maior para a delimitação da adolescência, ignorando, no entanto, os processos de mudança psicossocial pelos quais o indivíduo passa. A separação com base na cronologia tem sido muito usada principalmente para fins legais e jurídicos, mas também médicos, escolares, etc. Todavia, ela também oferece restrições, já que procura encerrar em si um processo fluido e variável que assume novos aspectos a depender do indivíduo, sua classe social, sua história privada, seu contexto cultural e histórico. O padrão típico de adolescente é tomado como fenômeno universal, possuidor de características fixas, inerentes e facilmente reconhecíveis, quase uma sintomatologia.

A ideia da adolescência como crise foi também amplamente disseminada a partir da teoria do Ciclo Vital, formulada por Erik Erikson (1976), na qual cada pessoa deve passar por diferentes estágios, cada qual marcado por um conflito e uma crise específicos. Entre os oito estágios, a adolescência configura-se como aquele marcado principalmente pela confusão de papéis e construção da identidade.

Essa concepção de adolescência pode ser observada ainda hoje em vários estudos sobre o assunto e também no senso comum que a retratam como uma fase marcada por rebeldia, crise e conflitos (SANTOS, 2008; SOUZA, 2007). Essa visão generalizada do adolescente-problema aparece em pesquisas realizadas nas Ciências Sociais e Humanas, centradas em temas como drogas, violência, dificuldades na escola etc.

Em contraponto, Freire (1996) defende que é na rebeldia, e não na resignação, que o adolescente se afirma face às injustiças. A rebeldia pela indignação é o ponto de partida para a denúncia da situação desumanizante, mas por si só não é suficiente. A mudança no mundo implica, além da denúncia, o anúncio da superação. A rebeldia deve ser vista como forma de ser no mundo que traz à tona as injustiças, devendo ser utilizada para motivar a mudança. Caberia à sociedade reconhecer no(a) adolescente a capacidade de rebelar-se como forma de resistência e de querer o novo, a mudança, o que é

extremamente positivo e essencial para o desenvolvimento de sua autonomia como sujeito de suas ações, e não como objeto.

É justamente tendo em vista a maneira como os adultos se impõem perante os(as) adolescentes e o paradoxo da conformação versus rebeldia da adolescência, que devemos pensar a juventude atual (CALLIGARIS, 2000). Tal representação de rebeldia e transgressão acaba se tornando o que se espera da adolescência, transformando essas características naquilo que é normal e próprio ao adolescente. Dessa forma, ele(ela) acaba se deparando com uma expectativa, declarada ou não, de fugir aos padrões, entrar em crise e se rebelar. Por outro lado, esses comportamentos deverão ser reprimidos justamente por aqueles que coadunam com a visão da adolescência como fase de crise: os adultos.

Esse paradoxo está vinculado ainda à imposição de uma moratória social, um período de espera, em que o(a) adolescente já não é mais criança, mas também ainda não é um adulto. Ele(ela) deverá fazer aquilo que lhe é próprio, sem incomodar – ainda que, se ele(ela) não incomodar, haverá um estranhamento. Desse prisma adultocêntrico, o(a) adolescente luta para se tornar aquilo que o adulto quer que ele(ela) seja, porém será sempre incompleto e imaturo enquanto estiver nessa condição. Nesse ponto, desejando ser aquilo que a sociedade pensa que ele(ela) deve ser, o(a) adolescente se torna essa realidade social que o(a) prescreve, que o(a) entende estigmatizado(a).

Essa argumentação é tipicamente vista como adequada para as classes sociais médias e altas. No entanto, o(a) adolescente de classes sociais desprivilegiadas é também pressionado(a) por um ideal de adolescência rebelde e ingenuamente irresponsável. A diferença que se percebe é que, enquanto é permitido aos ricos ter desejos e a moratória, dos excluídos é esperado que trabalhem para sua sobrevivência e de suas famílias.

Assim, sendo a adolescência uma fase de desenvolvimento constituída por questões sócio-culturais, é de suma importância que se dê atenção às suas diversas características, especialmente se buscamos maneiras mais eficazes de lidar com os(as) jovens. No caso dos adolescentes em conflito com a lei, é essencial que o planejamento de políticas públicas ou de programas sociais voltados a eles(elas) leve em consideração suas necessidades e realidades.

Então, o que você está achando desta aula? Será que o conteúdo dela pode ajudar na prática da socioeducação? Como foi dito, várias são as possibilidades de conceber o desenvolvimento e sua relação com a aprendizagem. Também vimos uma maneira de definir a adolescência. Essa é a maneira que eu me identifico. Vamos continuar a estudar sempre lembrando que é importante buscar mais informações além dessa aula.

O importante é poder contar com um conhecimento a mais para refletir a nossa prática e buscar fazer dessa prática uma ação que seja educativa, que leve o outro, no caso o(a) adolescente ao seu desenvolvimento intelectual e pessoal.

Como atividade, sugiro que você faça um retrospectivo da sua história de vida, procurando resgatar principalmente como você era na adolescência. É bom perguntar a parentes e conhecidos como eles lhe viam nessa fase da vida.

Referências Bibliográficas

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, (1973).

BOCK, A.M.B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, 1999.

CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: PubliFolha, (2000).

COLE, M.; COLE, S. *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ERIKSON, E. H. *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar editores, (1976).

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, (1996).

PALÁCIOS, J. Introdução à Psicologia Evolutiva: história, conceitos básicos e metodologia. Em Coll, C., Palácios, J. e Marchesi, A. (Orgs.) *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Vol.1, Porto Alegre: Artes Médicas, (1990).

SANTOS, L. M. M. *Nada do que foi é ou será: A inter-relação de jovens com seu ambiente*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e Organizacional. Brasília: Universidade de Brasília, (2008).

SOUZA, T. Y. *Um estudo dialógico sobre institucionalização e subjetivação de adolescentes em uma casa de semi-liberdade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Psicologia do Desenvolvimento e Saúde. Brasília: Universidade de Brasília, (2007).

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, H. *Objectivos e métodos da psicologia*. Lisboa: Estampa, 1975.

AULA 2 - A Adolescência e seus Aspectos de Desenvolvimento

Olá,

vamos continuar nosso diálogo nesta aula sobre o(a) nosso(a) adolescente! Vimos na aula anterior que este período do ciclo da vida pode ser entendido como sendo uma construção social e cultural e que temos diferentes possibilidades de entendê-lo.

Com certeza, a reflexão que vocês fizeram da própria adolescência permitiu uma revisitação a experiências e vivências que pareciam esquecidas. Como diz a música: “recordar é viver”. Recordar o que fomos pode nos ajudar a viver e conviver com o outro de forma mais tolerante. Você concorda?

Sempre pensando nos profissionais do sistema socioeducativo, vamos abordar nesta aula alguns aspectos específicos da adolescência que nos permitam estar com os(as) adolescentes em medida socioeducativa de maneira que os(as) vejamos como sujeitos de direitos e desejos, como vimos na aula anterior, sem que a infração seja o que os(as) defina.

O principal objetivo é propiciar a todos(as) vocês deste curso possibilidades de reflexões a fim de instrumentalizá-los(as) para fazer uma análise crítica de suas práticas educacionais. Também esperamos que ao final desta aula vocês tenham se beneficiado desse espaço para também fazer uma reflexão sobre sua formação pessoal que ajude no seu dia a dia com os(as) adolescentes.

Podemos começar estimulando nosso pensamento a partir de questionamentos, pois essa é uma das melhores formas para refletir, não é mesmo?

- Como nos aproximar dos(as) adolescentes, se eles(elas) são definidos(as) como problemáticos(as)?
- Como fazer com que eles(elas) tenham disciplina e aceitem as regras da instituição?
- Como fazer para que eles(elas) entendam que devem mudar? Por que devem mudar?
- Qual o sentido da educação social para vocês? E para os(as) adolescentes?

Essas e muitas outras perguntas são complexas e não existem respostas prontas. No entanto, podemos estudar algumas formulações teóricas que nos ajudem a encontrar respostas para situações que enfrentamos na nossa prática educativa. Principalmente, quando lidamos com sérios problemas relacionados à violência no ambiente da instituição e à falta de interesse dos(as) adolescentes com o que está se propondo a eles(elas). A ideia desta aula é que, juntos, possamos buscar soluções mais produtivas e criativas para essas e tantas outras questões que vocês conhecem tão bem no contato com os(as) adolescentes no dia a dia.

Independentemente do nível de atuação, muito da prática do(a) educador(a) reflete as suas concepções de mundo e da vida. Reflete, ainda, de que forma ele(ela) elabora e constrói a sua concepção sobre a infância, a adolescência, o desenvolvimento e a aprendizagem; como o indivíduo se constitui e o papel das relações educadoras na formação do sujeito. Acredito que em todos esses aspectos, o que estaremos vendo nesta aula pode contribuir para dar significado à prática educativa de cada um(a) de vocês.

O que dizer, então, do seu papel enquanto educador(a) de adolescentes em medida socioeducativa? Como isto vem acontecendo? O que os ensinamentos sobre a adolescência podem ajudar? Acredito que entrar em contato com as especificidades da

adolescência pode ajudar na prática educativa desenvolvendo o trabalho com autonomia, segurança e criatividade. O que você acha disso?

Nossa expectativa é que você leve em conta os aspectos aqui apresentados no momento em que estiver agindo com os(as) adolescentes, no espaço da instituição. Enfatizaremos o período da adolescência e algumas particularidades dessa etapa de construção da pessoa, sem perder de vista as outras etapas.

O(A) educador(a), na nossa visão de educação, tem como principal papel a desempenhar, o de ser um(a) organizador(a) do espaço educativo. Ou seja, deve atuar como facilitador(a) da sua própria interação com os(as) adolescentes e das relações que se estabelecem entre eles e elas. Isso também implica dar importância ao caráter ativo de todos(as) envolvidos(as) e demais fatores relacionados ao processo educativo. Afinal, esse espaço não é absoluto e existe uma forte relação entre o sujeito e as influências externas. Principalmente, da pressão exercida pela sociedade que na maioria das vezes não acredita na educação socioeducativa. No entanto, neste curso estamos partindo do princípio de Paulo Freire de que mudar é difícil, mas é possível.

O meio social não é estagnado, rígido e imutável. O processo educativo, por consistir no estabelecimento de novas relações, exige muito do(a) educador(a) e poucos têm sido os recursos fornecidos para que se possa, efetivamente, desenvolver tudo que lhe é pedido. Quais são os recursos disponíveis para sua atuação? Como você pode criar novos recursos? Materiais como filmes, revistas, música e outros mais são interessantes para ampliar sua atuação educativa, esses materiais estão disponíveis? Um(a) educador(a) com diferentes recursos sente-se mais preparado(a) e seguro(a) em sua árdua tarefa de educar adolescentes. A participação neste curso é um recurso para contribuir com a sua formação profissional e pessoal, concorda?

Muitas vezes, o(a) educador(a) espera que sua inspiração e entusiasmo garanta o êxito da educação. Porém, a sua motivação nem sempre atinge o(a) adolescente, pois o que se espera dele(dela) pode não corresponder ao esperado pelo adolescente. Com tantos esforços, a frustração acontece quando percebemos que nem com muita dedicação conseguimos interessar os(as) adolescentes e acabamos por achar que nada mais os(as) motiva porque “eles(elas) não querem aprender nada, não querem nada com nada”, “já tentei de tudo ...”.

O processo educativo exige, pois, a tarefa de suscitar no(a) adolescente a sua própria motivação e entusiasmo para estar nesta relação socioeducativa. Para tal, é preciso que o(a) educador(a), entre outras coisas, conheça como se dá o processo de desenvolvimento e aprendizagem humano para poder encontrar os caminhos pelos quais se cria no(a) adolescente esse entusiasmo. Além disso, é importante levar em consideração que o que conhecemos sobre esse processo de desenvolvimento e aprendizagem foi construído de forma genérica, muitas vezes longe da realidade subjetiva de cada adolescente com quem lidamos.

Como são os(as) adolescentes com que você se relaciona na sua prática educativa? O que pode ser resgatado do entusiasmo deles(delas)? Quando você percebe que eles(elas)

ficam mais interessados(as) nas atividades propostas? O que você faz para que eles(elas) gostem desse espaço educativo?

Anote todas as suas respostas e reflexões ao longo do texto no seu diário de bordo!!!

Como vimos na aula anterior, vários autores estudaram e muito contribuíram para entendermos o processo de desenvolvimento e aprendizagem, o desenvolvimento da pessoa e de sua personalidade. Nesta aula, minha proposta é a de apresentar algumas ideias de Henri Wallon, psicólogo francês, que viveu durante os anos 1879-1962 e que com concepções democráticas e humanistas muito contribuiu nos dois períodos pós-guerra. Momentos, estes, em que a França se encontrava em grandes dificuldades financeiras, tentando se reconstruir social e politicamente. Sua grande importância no campo do desenvolvimento humano e da educação encontra-se na relevância dada à emoção como sendo o motor inicial do desenvolvimento da pessoa. (WALLON, 1966, 1975, 1979).

Segundo Wallon, o desenvolvimento se dá na sucessão de etapas que se caracterizam por um conjunto de necessidades e de interesses que asseguram uma coerência no modo de ser da pessoa. No entanto, a sucessão dessas etapas não acontece de forma contínua, linearmente. Há momentos no desenvolvimento que novas condutas, novas atitudes são possíveis. O que isso significa? Que o crescimento apresenta descontinuidade. Quando uma nova etapa é atingida, não desaparecem as formas precedentes da atividade anterior e sim uma reorganização das mesmas.

Como ressaltamos anteriormente, a emoção tem um papel central no pensamento de Wallon e, portanto devemos estar atentos às suas expressões para, ao darmos significados, não deixarmos de procurar entendê-las nas suas formas mais complexas e dúbias. O exemplo mais típico do que estamos falando se relaciona com a expressão de agressão que muitas vezes é vista como violência. Essa ideia será desenvolvida mais adiante.

Para a formação da pessoa, o meio mais importante é o social. Ainda que o comportamento funcional do humano esteja diretamente ligado, de maneira ativa, com o meio ambiente, o físico. Nesse sentido, podemos dizer que existe continuidade, ou melhor, unidade entre o ser orgânico e o psíquico em todos os momentos do desenvolvimento, um em relação ao outro, dialeticamente.

O lugar que as emoções ocupam no comportamento da criança, a influência que continuam a exercer sobre o adulto, mais ou menos abertamente ou em surdina, não é um simples acidente, uma simples manifestação de desordem. Organizadas, elas têm, ou tiveram, sua razão de ser. (WALLON, 1979, p. 61).

A ligação do indivíduo à vida social, permeada pela emoção, não se rompe mesmo que as reações orgânicas da emoção tendam a diminuir, à medida que a imagem das situações ou das coisas se intelectualiza com o desenvolvimento da razão. Por exemplo, um adulto assistindo a um jogo de futebol em um estádio lotado facilmente se contamina com a emoção da torcida de seu time e pode agir de forma puramente emocional. Da mesma

forma, o comportamento de jovens em um show será “contaminado” emocionalmente pelo grupo.

Wallon começa a descrever as etapas do desenvolvimento humano mostrando a importância desde o período da vida intrauterina, em que a criança encontra-se em uma total dependência biológica do organismo materno, mas que já reage aos estímulos externos, pois já começa a perceber ruídos, movimentos bruscos e outras mudanças na mãe. Com o nascimento, surge uma nova fase, na qual a criança já depende de si própria em relação à respiração e à capacidade de auto regulação da temperatura do seu organismo. No restante, sua dependência com o meio, especialmente com a mãe, é de total exigência de atenção. Nessa fase, a satisfação das suas necessidades já não é automática, o que faz com que a criança comece a conhecer os sofrimentos da espera ou da privação. Assim começa o aprendizado de estarmos com os outros no mundo. É necessário sempre uma negociação entre aquilo que desejamos e necessitamos com os desejos e necessidades do outro. Desde cedo, de uma maneira ou de outra, temos que aprender a estar com o outro. E aprender, como vimos na aula anterior, envolve uma relação. Portanto, é preciso que o outro ensine!

Nas etapas do desenvolvimento que se sucedem uma delas muito importante para entendermos o adolescente é a que surge por volta dos três anos, em que o sujeito é o foco principal. É o estágio do personalismo. O confucionismo, o sincretismo, ou seja, a indiferenciação com o outro para bruscamente, e a pessoa, em busca de independência e do enriquecimento do Eu, passa por três períodos de características diferentes.

No primeiro, há a necessidade de se afirmar, de conquistar a autonomia, o que leva a criança a colocar-se em uma série de conflitos, confrontando-se e opondo-se ao outro sem motivo aparente, mas com o propósito de provar sua independência e existência. É o famoso período em que a criança diz “não” para tudo e todos, mudando de opinião sem explicação.

A este período de negação em nome de sua defesa e reivindicações, segue um período de personalismo mais positivo, de encanto. É o que caracteriza a idade da graça, mas também de muita timidez e inibição; é quando a criança tem prazer em se exibir diante dos adultos, mas é tomada repentinamente por uma vergonha que a imobiliza.

Por fim, apresenta-se num novo confronto do Eu com o outro, com uma nova forma de participação e de oposição. Já não se trata apenas de reivindicação de ser diferente, mas sim de um esforço de substituição pessoal por imitação de um papel, de uma personagem, ou de alguém preferido ou invejado. Só por volta dos três anos é que a criança emprega regularmente o Eu sujeito e o Eu complemento, ou seja, o Eu idealizado que é um outro construído pela criança. Ela imagina, cria um outro que lhe acompanha como se fosse um ideal que ela gostaria de ser e contrapõe ao que está se constituindo. Isso porque é sempre necessária uma oposição do ser e não ser. É quando a criança diz: “agora sou o super homem que vai matar todo mundo” ou “sou o dragão e vou colocar fogo no castelo”. A reação do adulto a essas e outras frases da criança vai criar um significado e sentido para ela.

Mesmo lutando pela sua independência, a criança continua ainda, neste período, numa profunda dependência do seu meio familiar, mantendo-se assim até os cinco anos. A

passagem para outra etapa se dá de forma lenta e difícil de acordo com cada criança e com seu meio que agora é acrescido pelo meio da escola e novas relações.

No estágio da adolescência, o equilíbrio atingido nas etapas anteriores é rompido e, de maneira mais ou menos repentina e violenta, a pessoa encontra-se em uma crise que pode ser comparada à dos três anos. Com a diferença que, neste momento, as outras pessoas são menos importantes para o (a) adolescente e as exigências de sua personalidade, agora em primeiro plano, entram em conflito com os costumes, hábitos de vida e relações da sociedade. O retorno da atenção sobre ele(ela) próprio(a) causa, no(a) adolescente, as mesmas alternâncias de graça e de embaraço dos três anos.

Além disso, nessa etapa de desequilíbrio, o(a) adolescente revisita sua infância, mesmo que inconscientemente, buscando sentido de sua vida que muitas vezes não encontra. Mesmo que a etapa da infância não seja necessariamente determinante, ela exerce uma grande influência de ser nas demais etapas, pois não nos tornamos adulto sem nossa história de vida.

O que você acha disso tudo? Anote no seu diário de campo o que você concorda e não concorda. O fórum pode ser o lugar privilegiado de discussão sobre as suas ideias sobre tudo isso.

Essa visão de desenvolvimento, de etapa em etapa, mostra a complexidade dos fatores e das funções, da diversidade e oposição das crises em uma unidade. Isto significa que a pessoa não deve ser estudada, compreendida de forma fragmentada. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão das suas idades, é um único e mesmo ser em contínua metamorfose. Ou seja, em cada mudança, dialeticamente nos reconhecemos o mesmo!

A unidade é feita de contrastes e de conflitos que permitem o desenvolvimento cada vez mais amplo de recursos de personalidade que possibilitam melhores condições de relações com o outro, com o conhecimento e consigo mesmo.

Pesquisas realizadas hoje nos Estados Unidos pelo Instituto Sackler da Cornell University apresentam dados sobre o cérebro do(a) adolescente como estando ainda em formação. Exames de neuroimagem em jovens mostraram que o córtex pré-frontal, região do cérebro ligada à tomada de decisão ainda está em formação nos(as) adolescentes (CASEY, GETZ, GALVAN, 2008). Esses estudos podem ajudar a compreender porque a adolescência é um período do desenvolvimento caracterizado pela impulsividade nas tomadas de decisão e ações que muitas vezes não intencionais, aumentam a incidência de violência, abuso no uso de álcool e drogas, gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis.

Além disso, a região cerebral associada às emoções, o sistema límbico, apresenta-se bastante desenvolvida nesta etapa, o que pode explicar os comportamentos carregados mais de emoção do que de razão. Esses estudos nos fazem refletir sobre o que pode levar um(a) jovem a cometer infrações sem medir as consequências dos seus atos.

A educação, pois, é a possibilidade de fazer com que haja o desenvolvimento cognitivo e que ao lado da afetividade, ao se equilibrar pode permitir ao(à) adolescente pensar de

forma a medir as consequências dos seus atos. O ambiente é outro componente de suma importância para esse desenvolvimento. Como o(a) adolescente está em um período de desenvolvimento, é necessário a presença de pessoas, os(as) educadores(as), que possam ao lado dele(a) construir recursos de personalidade que levem à autonomia, à tomada de decisão, à criatividade para que possam enfrentar os desafios da vida de forma a não se auto destruírem e nem destruírem os outros.

Nesse sentido, a função do(a) educador(a) na educação socioeducativa deve levar em consideração os aspectos do desenvolvimento intelectual e as aptidões sociais, visando à intervenção que favoreça a socialização, incentivada pelo aprendizado do respeito mútuo em lugar da disputa e do conflito coletivo.

Estamos falando, pois em desenvolvimento da personalidade e mais uma vez vamos parar para refletir: a personalidade é algo que se desenvolve ao longo da vida?

Retomando a teoria de Wallon, temos o conceito de personalidade definido como sendo a maneira habitual de reagir e de ser de cada indivíduo. Ela é construída a partir das condições de existência e resulta das atividades possíveis de acordo com as possibilidades de cada um. Sua teoria parte de uma perspectiva genética, ou seja, que busca a gênese, o começo de como se deu aquele desenvolvimento da pessoa. Portanto, para entender o(a) adolescente com quem estamos lidando é preciso conhecer como se deu sua infância. Como fazer isso? Podemos perguntar ao(à) adolescente e à sua família. Não importa se os fatos correspondem a um suposto real. O que importa é que eles(elas) possam revisitar seu passado para poder abrir possibilidades de futuro.

A partir dessa concepção de personalidade, podemos retirar daqui o importante princípio de que a personalidade por não ser estática muda com as condições de existência a partir das novas relações sociais vividas. Essa é uma possibilidade para os(as) educadores(as) socioeducativos vislumbrarem seu trabalho visando à mudança, não acha?

A personalidade representa a integração de um componente afetivo, o caráter, e de um componente cognitivo, o intelecto. A cada etapa do seu desenvolvimento, a pessoa reage às situações de acordo com suas condições emocionais e suas possibilidades intelectuais. Isso quer dizer que a personalidade se constrói progressivamente segundo um ciclo de alternância das funções afetivas e intelectuais. A aprendizagem de coisas diferentes faz surgir nas pessoas necessidades novas e outras atitudes.

Sendo assim, é importante reconhecermos no outro a possibilidade de mudança da sua maneira de ser, a partir do aprendizado nas relações sociais. Portanto, o espaço socioeducativo pode ser visto como um espaço de construção de personalidade.

Podemos fazer uma reflexão sobre isso se pensarmos, por exemplo, como agíamos de modo diferente quando éramos pequenos e passamos a ver as coisas de outra maneira ao aprendermos como os fatos acontecem.

Quando somos pequenos temos alguns medos que nos imobilizam. À medida que adquirimos conhecimento, passamos a entender o porquê de alguns acontecimentos e deixamos de ter medo. Às vezes, utilizamos histórias de “bicho-papão”, de “monstros”

para amedrontar as crianças e depois quando elas crescem e aprendem que eles são nossas invenções, riem dessas histórias.

Muitas vezes, na educação, queremos impor o respeito pelo medo. Isso pode funcionar até certo ponto, mas à medida que os(as) adolescentes aprendem recursos para se relacionar com eles, muito dessa estratégia não funciona mais. É preciso, pois, que as relações entre todos(as) sejam de diálogo e que permitam o entendimento da necessidade de haver respeito e façam sentido no dia a dia de todos(as) envolvidos(as).

Tudo isso tem uma ligação muito grande com a nossa própria formação enquanto educador(a), a nossa formação pessoal além da formação técnica e profissional para estarmos na socioeducação. Então, vamos conversar um pouco sobre isso!

Você certamente irá concordar que o que você é hoje, com a sua idade e tudo que faz é bem diferente de quando tinha mais ou menos dois anos de idade, certo? Naturalmente que você se desenvolveu e aprendeu muito nos anos que passaram, até os dias de hoje. Você mudou, não é mesmo?

Poderíamos dizer que você é quase outra pessoa. No entanto, se me mostrar uma foto sua de dois anos, você não terá dificuldades de me dizer que aquela criança era você. Então? Afinal de contas, quem é você? Esta pessoa que está lendo essas coisas ou a criança da foto? Talvez me diga que são as duas. E realmente são, mas diferentes, não é?

Pois bem, todos nós somos o que fomos e o que ainda vamos ser sabendo o que somos agora. Se concordarmos com isso, podemos acreditar que somos seres em constante processo de mudança. Às vezes não é fácil admitirmos que estamos sempre mudando, mas se fizermos um esforço e pensarmos no que éramos há uns cinco anos, poderemos ver que algo em nós mudou.

“O importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando” Guimarães Rosa.

O que você estava fazendo há cinco anos? Com certeza não imaginava que estaria fazendo este curso, certo? Faça um retrospectivo da sua vida e coloque no seu diário de bordo alguns acontecimentos mais marcantes que podem mostrar o tanto que você vem mudando na sua vida. É legal ilustrar com fotos suas!

Esta aula tem exatamente como meta permitir a formação do(a) educador(a) em processo de mudança, de modo que ele(ela) também possa ver no(a) adolescente a possibilidade da mudança.

A natureza humana não é algo que existe “pronta e definida”. Ela consiste na sua atividade vital, no seu trabalho. Ela é o conjunto das relações sociais que se tornam funções da personalidade e das formas da sua estrutura criadas no coletivo. A personalidade é, portanto, algo mutável e deve ser considerada no seu devir e no seu desenvolvimento, como um processo de transformações.

É interessante pensarmos que a personalidade, uma categoria ligada à ideia de pessoa, de um “eu” é assim considerada recentemente. Na antiguidade, por exemplo, os escravos

não tinham direitos, pois eram vistos como seres que não tinham personalidade, nem alma, nem antepassados, nem nome, nem bens próprios.

Os livros de psicologia sobre personalidade trazem diferentes abordagens sobre o tema e mostram não haver uma definição de consenso entre os psicólogos. Há cerca de 50 definições de personalidade. Às vezes, ela é definida pela sua importância social e em outras pela impressão positiva ou negativa que o indivíduo causa em outras pessoas: personalidade agressiva, passiva, tímida etc. Encontramos nessas apresentações um elemento de valoração de personalidade como boa ou má. Em muitos casos, chegamos a dizer que um(a) adolescente apresenta problemas de personalidade, indicando com isso que ele(ela) não consegue manter relações satisfatórias com colegas e educadores(as).

A maioria das teorias atribui uma importância muito grande aos fatos hereditários. Daí, o famoso dito: “Filho de peixe, peixinho é”. A concepção dominante, nas teorias e no senso comum, é a de que a personalidade está formada até à adolescência e que após esse período, nada de novo acontece no desenvolvimento do adulto.

O que você acha disso tudo? Você concorda que o adulto não muda ou está de acordo com o que dissemos no início que estamos sempre em um processo de mudança? A quem interessa que mudemos ou não? Responda no diário de bordo!!!

A nossa ideia aqui apresentada de personalidade leva em consideração um sujeito ativo em suas ações que se apoia em sua personalidade para exercer essas ações, ao mesmo tempo em que a partir da própria ação transforma sua personalidade.

A personalidade é vista como um processo que se constitui e se desenvolve ao longo de toda a vida do ser humano. Não se reduz, portanto, à infância e nem à adolescência. A pessoa se desenvolve constantemente na medida em que acumula experiência individual e coletiva. O grande desafio é o de conceber o adulto em processo de desenvolvimento e mudança.

As relações interpessoais na instituição socioeducativa são bastante complexas e, muitas vezes, a rotina das tarefas executadas não permite uma reflexão das nossas ações. Sendo assim, em várias ocasiões não aproveitamos os recursos que temos para educarmos os(as) adolescentes e agimos de maneira impensada, cansando mais do que o necessário.

O que é preciso para a prática de uma educação com respeito mútuo entre todos(as) envolvidos(as) no espaço socioeducativo? Acreditamos que uma condição básica para isso é a de que o(a) educador(a) tenha conhecimento de suas próprias formas de pensar e agir, nas diferentes situações em que se encontra.

É preciso levar em consideração o desenvolvimento da sensibilidade frente aos(às) adolescentes para poder compreender a complexidade das relações estabelecidas e, portanto, entender que não são passíveis de total controle. Assim, é importante que o(a) educador(a) esteja seguro(a) da sua prática e de si mesmo(a), como profissional e adulto(a), para que, ao se sentir ameaçado(a), não ameace. Só assim, poderá ser respeitado(a) naquilo que faz e ser reconhecido(a) pelos outros.

Acreditamos que devemos estar prontos(as) para aprender sempre e poder ser ouvidos(as) em relação as nossas dificuldades, desejos e expectativas no nosso cotidiano, para que a aprendizagem contínua constitua-se como instrumento constante de inovação e de melhoria da situação pessoal e coletiva dos(as) educadores(as).

Nesta aula, vimos algumas características do desenvolvimento da adolescência e a importância do espaço socioeducativo como possibilidade de espaço de formação das pessoas, da sua personalidade, desde os(as) adolescentes até os(as) educadores(as). Enfatizamos que para estar com o outro no espaço socioeducativo é interessante que antes busquemos nos conhecer. Como se deu nosso desenvolvimento? Como reagimos frente às dificuldades? Quais são meus desejos? O que quero no espaço socioeducativo? Essas são perguntas que podem nos ajudar a nos conhecermos melhor e nos percebermos como sujeitos em desenvolvimento em qualquer idade do ciclo da vida.

Como atividade, é importante que você faça uma síntese dos pontos mais importantes que você achou da aula. Responder as perguntas ao longo do texto pode ajudar.

Referências bibliográficas

CASEY, B.J.; GETZ, S.; GALVAN, A. *The adolescent brain*. Developmental Review, 28(1), pp. 62-77, 2008.

WALLON, H. *Do acto ao pensamento*. Lisboa: Portugal, 1966.

_____. *Objectivos e métodos da psicologia*. Lisboa: Estampa, 1975.

_____. *Psicologia e educação da criança*. Lisboa: Estampa, 1979.

AULA 3 - Contextos de Aprendizagem e Desenvolvimento do Adolescente

Olá,

chegamos à nossa terceira aula e nela vamos trabalhar alguns pontos sobre o sujeito adolescente que aprende em diferentes contextos sociais. Na última aula, vimos a importância de refletirmos sobre o desenvolvimento pessoal do adolescente que aprende, assim como o desenvolvimento pessoal do(a) educador(a). Como atividade, foi proposta uma síntese dos pontos importantes daquela aula, levando em consideração que somos pessoas em desenvolvimento constante ao longo das nossas vidas. Espero que tenha sido interessante fazer essa atividade!

Da mesma maneira, entendo que, mesmo com algumas dificuldades, temos que nos relacionar com os(as) adolescentes vendo-os(as) como sujeitos em desenvolvimento. Isso exige uma ruptura com as ideias teóricas da psicologia do desenvolvimento e do senso

comum sobre a adolescência, vista predominantemente como um período de crises e turbulências. Mesmo a psicologia do desenvolvimento por muito tempo explicou a adolescência pela via da patologização, reforçando a concepção da dificuldade de se lidar com essa faixa etária.

Além disso, essa compreensão de adolescência desconsiderou a condição de classe social, padronizando um determinado tipo de comportamento, que define uma visão de desenvolvimento vista sempre como uma fase de rebeldia, violência e drogadição, salientando sempre os aspectos negativos desse período do desenvolvimento.

Retomando o que vimos na primeira aula, gostaria de reforçar nossa ideia de que o desenvolvimento se dá nas relações sociais e é “puxado” pela aprendizagem. Ou seja, à medida que interagimos socialmente com o outro, estamos em relação que proporciona o processo de aprendizagem, que nos faz mudar, portanto, desenvolver. Mesmo que não percebamos as mudanças, elas acontecem e nos fazem ser diferentes ao longo da vida.

Nesta aula, vamos conversar sobre alguns contextos sociais de aprendizagem que participam da complexidade do processo de aprendizagem e desenvolvimento na constituição subjetiva do(a) adolescente. Vamos começar com o contexto familiar porque consideramos que a família esteja presente em todas as sociedades. No entanto, é preciso salientar que o modelo e estrutura familiar diferenciam-se de acordo com a cultura e história de cada sociedade.

Com as mudanças que veem ocorrendo na composição das famílias, é necessário refletirmos sobre o que entendemos sobre a definição de família. Tratamos da família tradicional, baseada no modelo pai-mãe-filhos de ligações consanguíneas, como sendo a que melhor possibilita condições para o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes. Essa configuração pressupõe relações familiares que naturalizam a concepção de que o papel fundamental da educação dos filhos está ao encargo das mulheres, das mães. As demais configurações de família, muitas vezes são vistas como situações de risco para esse desenvolvimento. Porém, é possível pensar a existência de uma grande variedade de tipos de família dentro de uma mesma cultura que possibilitam o desenvolvimento dito saudável dos seus integrantes.

Você concorda com isso? Como você entende o conceito de família? Qual o seu papel no desenvolvimento do sujeito?

Mesmo com as diferentes composições familiares, entendemos que esse contexto inicial da criança exerce um importante papel na formação da personalidade do sujeito, com sua função socializadora, onde as crianças vivenciam inicialmente o funcionamento das relações interpessoais e atribuem valores morais que levarão para outras relações. Nesse sentido, torna-se importante compreender o(a) adolescente no cotidiano da família, o que implica conhecer seus modos de vida, suas ideias, concepções de vida e de educação. Entretanto, não podemos atribuir apenas à família a responsabilidade de toda a formação do sujeito, como se ela fosse um contexto isolado das condições sociais, materiais e históricas onde se encontram.

Além disso, esse início tão marcante na vida das pessoas não deve ser visto como determinante e imutável. Como vimos anteriormente, ao longo da vida, estamos sujeitos

a mudanças no nosso modo de funcionar e de ser. Entendo que isso é muito bom e possibilita ao(à) educador(a) condições de desenvolver um trabalho junto ao(à) adolescente que dê chances de mudança. Muitas vezes, atribuímos tudo de errado à família e a culpamos pela falta de educação dos(as) adolescentes.

Vamos refletir sobre essas questões: qual a configuração da sua família? Qual o papel dela na sua formação? Como você ver a relação do(a) adolescente com a família? Faça suas anotações sobre o que você acha disso tudo ao longo do texto.

Pesquisas apontam a desestruturação no relacionamento das famílias com condições econômicas desfavorecidas como fator preponderante para a saída e permanência de crianças e adolescentes na rua. Muitas dessas pesquisas atribuem à família a responsabilidade da falta de cuidados e de educação. Precisamos desenvolver mais pesquisas para entender a complexidade de toda essa situação e envolvermos também a responsabilidade do Estado na criação de condições mais dignas de vida e educação para as famílias ditas carentes. Só assim, poderemos compreender melhor porque alguns(algumas) adolescentes passam ao ato violento.

O que dizer da família do(a) adolescente infrator(a), definida como estruturada, que é vista como tendo todas as condições de dar uma boa educação na própria família e proporciona boas escolas? Sabemos que essa família também enfrenta problemas com seus(suas) adolescentes que cometem alguma infração, muitas vezes por causa do uso indevido de drogas. Talvez o que se diferencia sejam as diferenças de condições dadas aos(às) adolescentes de classe média aos seus atos infratores. Essa realidade nos remete à reflexão da necessidade de darmos mais atenção aos(às) que não têm apoio familiar.

Considerar a família como primeiro contexto de formação da pessoa não pode significar depositar nela a responsabilidade única pelos seus atos. O desenvolvimento dos sujeitos é sempre resultante de vários fatores, sejam eles sociais, econômicos, culturais e mesmo pessoais. Faz-se necessário, portanto políticas públicas que possibilitem condições reais para as famílias darem cuidados e educação para suas crianças e adolescentes. Essas políticas devem visar à família nos seus diferentes aspectos. Por exemplo, as condições das mulheres, muitas vezes sujeitas à violência doméstica, a falta de emprego, a educação desde a creche, enfim, a condição de cidadania.

Levando-se tudo isso em consideração, entendo que o(a) educador(a) ao mesmo tempo que deve escutar o(a) adolescente, também deve estar atento(a) à família dele(a). Nesse sentido, podemos pensar na criação de espaços de escuta das famílias dos(as) adolescentes em medida socioeducativa, em grupo para que, juntos com a instituição possam ajudar o(a) educador(a) a compreender melhor seus(suas) filhos(as). O grupo formado por várias famílias facilita a troca de vivências de seus problemas, possibilitando um deslocamento das dificuldades de cada um para poder encontrar meios de lidar com seus próprios desafios cotidianos. Isso tudo porque estamos visando a reintegração do(a) adolescente à família e à sociedade.

Em seguida à família, na nossa sociedade letrada, outro contexto de suma importância no desenvolvimento das pessoas passa a ser a escola. Algumas crianças têm a possibilidade de estarem nela desde os dois anos, mas infelizmente a maioria das nossas crianças só consegue aos seis anos por causa da garantia constitucional. Hoje, o Estado deveria

garantir para todas elas, a entrada na Educação Infantil a partir dos quatro anos, mas isso ainda não é uma realidade para todas.

Muito tem sido discutido sobre o papel da escola em diferentes pesquisas na área de educação e psicologia. A escola tem sido vista tradicionalmente como sendo a instituição social que tem como função primordial a transmissão, de forma sistemática, do conhecimento acumulado pela humanidade. Essa transmissão tem sido atribuída basicamente ao(à) professor(a) que muitas vezes tem como único objetivo cumprir um conteúdo programático elaborado a partir de um currículo pré estabelecido. No entanto, acredito que a escola não se restringe apenas a desempenhar esse papel.

Concordo com alguns autores quando apontam a importância da escola para o desenvolvimento da personalidade do(a) aluno(a) simultaneamente com a do(a) professor(a), o que se reflete em novas exigências para a formação docente. Isso porque, como vimos na aula passada, ao aprender, nos desenvolvemos e os processos cognitivos estão em interação com os afetivos. Além disso, acredito ainda na função política e social da escola, visando desde cedo à cidadania. Pela sua importância, a escola, assim como a família, é de extrema importância para a construção de novas relações sociais que sejam mais justas e democráticas.

A escola, assim entendida, com uma visão da educação voltada para a transformação da sociedade, exige uma postura diferenciada do(a) educador(a), pois este(a) profissional é responsável em grande medida, pelo sucesso ou fracasso de qualquer proposta pedagógica. Quando digo uma postura diferenciada, estou partindo do pressuposto de que atualmente a ação pedagógica não tem privilegiado essa função do(a) educador(a).

O(A) educador(a) é peça chave na transformação das ideias pedagógicas em ações concretas na escola, cabendo-lhe, pois, a orientação da atividade de seus(suas) alunos(as). Essa atividade envolve uma necessidade, uma orientação para um objeto que seja significativo para o sujeito que aprende.

Assim, da mesma forma que o(a) educador(a) não deve limitar-se à função de transmissão de conhecimento, ele(ela) também não deve restringir sua ação pedagógica a uma reprodução desse conhecimento. Como vimos na aula anterior, o(a) educador(a) precisa de uma formação que permita uma atuação de mediador(a), de um(a) organizador(a) do contexto de aprendizagem, que possa enfrentar o desafio de assumir as contradições no processo ensino-aprendizagem, visando sempre o novo.

Toda importância dada ao papel do(a) educador(a) não deve ser vista como fator de atribuição de culpa aos problemas que assolam a escolaridade, principalmente nos anos iniciais. Muitas vezes, ele(ela) tem sido apontado(a) como o(a) responsável pelas mazelas do fracasso escolar e muito tem sido proposto para alterar essa situação. O(A) educador(a) faz parte de um todo da sociedade que participa da educação do cidadão. Portanto, ele(ela) não pode ser visto(a) como único(a) responsável desse processo de educação.

Talvez você se sinta pressionado(a) a desenvolver um trabalho que vai além das suas condições materiais cotidianas. Não se trata de identificar, ou mesmo isolar uma causa ou um(a) culpado(a). Os problemas encontrados na educação, em todos os níveis de

escolarização, decorrem de vários fatores inter-relacionados num sistema bastante complexo. A luta por uma melhoria da qualidade do ensino, por uma mudança da situação atual, envolve modificações ligadas ao sistema político, econômico, social e cultural da sociedade como um todo.

O que defendo como importante é a valorização desse contexto de aprendizagem, que é a escola. Portanto, é preciso além de assegurar a entrada nela, a permanência com acesso à qualidade na formação profissional e pessoal de todos(as). A grave situação na nossa sociedade é constatada no grande número de adolescentes que estão fora desse contexto. Há pesquisas que mostram o número elevado de adolescentes em situação de medida socioeducativa que por diferentes motivos tiveram que deixar a escola por volta dos 10, 11 anos de idade. Muitas vezes, concordando com Paulo Freire, eles(elas) não evadiram da escola, mas sim foram expulsos(as) por ela.

É preciso levar em consideração as relações sociais do sistema capitalista de produção que perpassam o cotidiano escolar e se concretizam na prática pedagógica, influenciando na forma como os(as) educadores(as) atuam na escola. A prática pedagógica é permeada por jogos de poder que muitas vezes fazem parte da sala de aula um espaço de cumprimento de ordens, de disciplina e deixa de ser o espaço de produção de conhecimentos e de formação de cidadãos.

A escola deveria se propor como objetivo a tarefa de ensinar e permitir o desenvolvimento do pensar. Mas para isso, temos que considerar o sujeito que pensa, com suas necessidades e os motivos que o estimulam a atuar de determinada maneira. Em relação ao(à) adolescente, por sua característica de estar muito voltado(a) para si mesmo, muitas vezes seu pensamento está concentrado em seus problemas mais íntimos.

São tantos os motivos que podem levar à indisciplina e à falta de atenção e participação e, geralmente, eles pouco têm a ver com aspectos cognitivos, com dificuldade intelectual, como se atribui normalmente. Por que será? Será que podemos saber o que se passa nos pensamentos do outro? Nem mesmo nos nossos sabemos! Isso me faz lembrar a música que diz: “o pensamento parece uma coisa à toa, mas como é que a gente voa quando começa a pensar?”

A entrada na escola, em termos sociais, possibilita à criança que ela deixe de ser função unicamente do grupo familiar e passa a ser uma unidade em condições de entrar em diferentes grupos da escola. Por isso, o contexto da escola é tão importante para o desenvolvimento das relações interpessoais, pois ele passa a se constituir como um grande grupo que abriga diversos grupos menores.

Se considerarmos a importância do grupo no desenvolvimento da aprendizagem social, como lidamos com os diferentes grupos no espaço educativo? Como são os grupos na instituição em que você trabalha? Acredito que o grupo seja indispensável ao(à) adolescente não só para a sua aprendizagem social, mas para o desenvolvimento da personalidade e para a sua consciência sobre ela. Daí a importância de estar com o outro nos diferentes momentos do desenvolvimento. Certamente, você reconhece que o grupo

no espaço educativo é bastante heterogêneo e cada um tem suas especificidades, não é mesmo?

Na formação do grupo, entendo que ele deve ser entendido como formado pelos(as) adolescentes e os(as) educadores(as) nesse espaço educativo. A formação do grupo mantém entre si relações que determinam o papel e o lugar de cada um(a) no conjunto, com objetivos determinados. No caso dos(as) adolescentes, os grupos formados são considerados como grupos de oposição aos adultos ou de evasão diante da realidade cotidiana. Vista por esse ângulo, a tentativa por parte deles(delas) para desenvolver atividades coletivas parece representar um perigo às práticas e normas educativas consagradas.

Muitas vezes, acreditamos que educar um indivíduo isoladamente seria mais fácil, pois a formação de grupos de jovens tem sido, em geral assinalada como indício de estruturas sociais complexas, instáveis, ameaçadoras de mudanças e que podem sair do controle do adulto.

Com as palavras do nosso grande educador, Paulo Freire, vamos pensar no respeito que devemos ter com o(a) adolescente:

“De modo geral, as escolas veem os adolescentes como rebeldes, como possíveis destruidores da ordem. A escola deveria entender melhor o adolescente.” “Os adultos deveriam compreender melhor que a rebeldia faz parte do processo de autonomia. Não é possível ser sem rebeldia. O grande problema é como amorosamente dar sentido produtivo, criador ao ato rebelde, e não acabar com a rebeldia” (FREIRE, 2002, P. 249).

Mesmo respeitando o(a) adolescente e sua rebeldia é preciso termos atenção para colocarmos limites que são constituidores dos sujeitos. Sabemos que o comportamento dos(as) adolescentes tem, não raras vezes, ultrapassado os limites do respeito ao outro, chegando a situações de violência extrema como em casos de homicídios ou tentativas. No entanto, o(a) educador(a) não deve desenvolver uma atitude generalizante e fatalista de que o(a) adolescente é um perigo e que não tem mais jeito para mudanças.

Os grupos, portanto são formações particulares e não necessariamente hostil a tudo o que é diferente deles. Não é necessário que o conflito, entre educadores(as), adultos e adolescentes seja visto como algo negativo, destruidor. Pelo contrário, o conflito, quando direcionado para o diálogo, pode ser promotor de desenvolvimento.

No grupo, o(a) adolescente distingue-se dos outros membros como um indivíduo que tem sua autoestima e constrói sua autonomia. A conquista da autonomia se dá na própria experiência, nas decisões tomadas, sempre em diálogo com o outro.

Esse outro é de extrema importância para a constituição do sujeito em todas as etapas da sua vida. Não há como ser sozinho. Nós somos sempre em presença do outro. Uma ilustração dessa importância pode ser vista no filme *Náufrago*, de Robert Zewekis, com Tom Hanks, quando o personagem se vê sozinho numa ilha e acaba criando um outro a partir de uma bola. Se puder, assista-o.

No que diz respeito à autonomia, o(a) educador(a) também deve conquistar a sua. Para isso, o respeito à identidade e à autonomia do(a) adolescente são fundamentais. É nessa relação que o(a) educador(a) torna-se sujeito de suas ações e não um objeto manipulado por teorias psicológicas ou pedagógicas. Quanto mais nos colocamos como sujeitos do processo ensino-aprendizagem, mais capacitados(as) estaremos para a tarefa de educar.

Abordamos anteriormente o grupo dos(as) adolescentes. E o que dizer sobre o grupo dos(as) educadores(as) para formar um grupo pedagógico e desenvolver um trabalho coletivo. Quando o grupo de educadores(as) forma uma equipe, fica mais fácil conhecer os(as) adolescentes e os(as) próprios(as) educadores(as). Além disso, isto possibilita uma melhor colaboração entre os(as) colegas, enriquecendo o fazer pedagógico de cada um(uma) e buscando soluções coletivas para os desafios da tarefa de educar.

Dessa forma, de que maneira você poderia propor aos seus adolescentes, uma atividade a ser realizada em grupos. Como integrar os(as) adolescentes em torno de uma tarefa que possa desenvolver o espírito de responsabilidade e de cooperação? Registre todas as suas ideias!

Esses diferentes contextos sociais que fazem parte do cotidiano do(a) adolescente, têm que ser visto na complexidade das relações interpessoais. Com isso, quero enfatizar que eles não estão isolados e que não devem ser encarados como determinantes. O importante é estar aberto para a possibilidade da educação e, portanto para a mudança. A educação no contexto socioeducativo, como nos demais, tem que reconhecer no(a) adolescente o(a) cidadão(ã) que precisa de uma formação moral e cívica necessária a essa inserção na sociedade.

Caro(a) educador(a), na sua opinião, o que é preciso para a prática de uma educação que respeite a totalidade da personalidade e as aptidões de cada época do desenvolvimento? Acreditamos que uma condição básica para isso é que o(a) educador(a) tenha conhecimento de suas próprias formas de pensar e agir, nas diferentes situações em que se encontra. É necessário, portanto, conhecer como se dá o desenvolvimento de recursos da personalidade no adulto, que provocam as diferentes reações do indivíduo.

É nesse sentido que propomos que você se veja em um processo de contínua formação. Não uma formação apenas acadêmica, mas na sua constituição enquanto pessoa, diante de constantes possibilidades de mudanças que leve em consideração a sua sensibilidade para compreender que na sua ação pedagógica, as relações estabelecidas são complexas e, portanto, não são passíveis de total controle.

É importante que o(a) educador(a) esteja seguro(a) da sua prática e de si mesmo, enquanto educador(a) e adulto(a), para que, ao se sentir ameaçado(a), não ameace. Só assim poderá ocupar o lugar de autoridade – de detentor(a) de conhecimentos sim, mas não o(a) único(a) – e, nessa condição, ser reconhecido(a) pelo(a) adolescente.

Na função de educar, é exigido, ao mesmo tempo, uma postura de aproximação para compreender o(a) adolescente e de distanciamento para não se envolver emocionalmente e reagir impulsivamente. Somente na interação proporcionada pelo diálogo e pela escuta, a educação será uma relação de respeito à pessoa do(a)

adolescente. Respeito e compreensão ao seu comportamento e às etapas de seu desenvolvimento.

Ressaltamos a importância da formação contínua para o(a) educador(a) no contexto socioeducativo. Na sua avaliação, que rumos deveria tomar a continuidade de sua formação? Acreditamos que ela deva envolver também a possibilidade de o(a) educador(a) poder ser ouvido(a) em relação às suas dificuldades, desejos e expectativas no seu cotidiano, para que essa continuação constitua-se como instrumento constante de inovação e melhoria da situação pessoal e coletiva dos(as) educadores(as).

Resumindo:

O papel desempenhado por você, educador(a), é, pois, de extrema importância. Por isso, não se trata apenas de uma formação acadêmica, mas uma formação da pessoa que permita compreender a natureza e o desenvolvimento do(a) adolescente. É fundamental que você se questione sempre sobre sua prática pedagógica e sua relação com os(as) adolescentes. Pois, se a aprendizagem só se dá numa relação com o outro, é necessário cultivar nessa relação o respeito mútuo e o reconhecimento das necessidades, buscando, ao mesmo tempo, a expressão dos desejos e o prazer no processo educativo.

Não nos cabe, simplesmente, dizer a você como deve desenvolver sua prática educativa. Isso não teria qualquer sentido. Ela será construída a partir das suas reflexões e determinações. O que buscamos aqui foi ajudar nessa construção, proporcionando elementos para que desenvolva uma sensibilidade que lhe permita assumir, diante das situações educativas, todas as suas contradições, buscando a construção do novo. O reconhecimento mútuo é que permitirá a você, educar verdadeiramente para a vida.

Como educadores(as), um dos nossos maiores desafios é trabalhar a dimensão das relações nos espaços educativos, com o propósito da construção de relações sociais de cooperação e de solidariedade que afetem emocionalmente e façam sentido a todos(as) envolvidos(as) na relação educativa.

Como tarefa final, proponho que você escreva uma carta para um(a) colega educador(a) no contexto socioeducativo sobre as questões mais importantes abordadas nesta aula.

Bibliografia

FREIRE, P. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Unesp, 2002.